

## ARQUITECTURAS OU VIVÊNCIAS DE UN ESPAÇO (ALGARVE-PORTUGAL)

PAULO QUITÉRIO

*IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico. Portugal*

*“O território de um povo não é um simples dom da natureza, senão uma porção de espaço marcado pela sequência das gerações que, no decurso do tempo, sofreu os embates das mais variadas influências. Uma combinação original e fecunda de dois elementos: Território e Civilização.”*

ORLANDO RIBEIRO

As manifestações culturais não surgem do nada, para inovarmos e construirmos um futuro melhor, necessitamos de compreender o passado. Este trabalho tem esse objectivo, conhecer as arquitecturas ou vivências da região do Algarve. Apesar de não se dar demasiada importância, em termos académicos, a este tipo de arquitectura, depois deste trabalho espero que a relação entre as arquitecturas tenha mudado.

Não se pretende despertar a nostalgia fácil sobre um tema pitoresco e fotogénico; mas chamar a atenção do público, dos profissionais, assim como dos promotores e agentes que intervêm na área da construção para os trunfos e potencialidades da arquitectura popular.

A modernização, através da industrialização, retirou a memória do lugar e por sua vez também o lugar foi capaz de apagar a memória. Agora o que define a tecnologia construtiva é o que nos chega pela estrada, não o que existe no local de construção. Sendo assim, a construção do espaço de habitat, é a materialização e expressão de uma organização económica e social. A evolução das formas arquitectónicas, demonstra de uma forma imediata, as transformações e evoluções na vida familiar. É por este motivo que é imprescindível a antropologia aplicada ao local em estudo. O local onde se come, dorme, ou trabalha é sempre fruto da relação dos diferentes membros da casa, que variam de geração para geração, assim como a tipologia da habitação reflecte as formas de organização familiar.

Nos últimos anos podemos observar que existe uma maior sensibilização para tudo o que está relacionado com a herança cultural. A defesa e a revitalização deste legado, assim como a sua modernização, constituem objectivos que de modo algum são contraditórios. Na realidade nenhum povo pode assegurar o seu futuro sem relegar o seu passado, mas também é certo que é perfeitamente possível conjugar o respeito e a manutenção dos valores tradicionais com a incorporação dos elementos mais valiosos das novas correntes culturais. É por este motivo que é importante a realização deste trabalho, que serve para valorizar as construções populares. Talvez daqui a umas décadas este trabalho seja um testemunho sem provas.

O homem como ser cultural, aborda os variados elementos culturais, desde os usos, costumes, crenças, tradições, técnicas..., inclusive da sua arquitectura, por este motivo e de uma forma geral, apesar das variadas definições de arquitectura dadas por teóricos e arquitectos, pode-se definir a arquitectura como a arte de projectar e construir edifícios ou espaços para o uso do homem, sendo considerada «arte» desde que contenha uma preocupação estética.

Por outro lado a arquitectura apresenta certas peculiaridades que a diferenciam das demais artes. Uma delas é a preponderância dos aspectos materiais e técnicos.

A técnica construtiva é a parte da arquitectura que se ocupa da correcta utilização dos materiais

em função das suas qualidades e da sua natureza, de modo que cumpram satisfatoriamente as condições de solidez, atitude e beleza. A técnica construtiva de uma sociedade depende, entre outras coisas, do nível tecnológico que essa sociedade possui e das necessidades que se pretendam cobrir em cada caso e que são, obviamente, variáveis segundo as épocas e as culturas.

O aspecto funcional é outra das características diferenciadoras da arquitectura. Que uma arquitectura deve servir para aquilo que foi criada é evidente e será precisamente este aspecto funcional o que originará as múltiplas tipologias de edifícios segundo a sua finalidade. Neste caso, o espaço é o elemento que verdadeiramente caracteriza o fenómeno arquitectónico.

Apesar disso, continua a existir um paradoxo ao comprovarmos que, apesar da sua funcionalidade, a linguagem da arquitectura parece ser desconhecida. A maior dificuldade está nas suas formas não figurativas, na sua abstracção. A arquitectura possui um sentido comunicativo, onde se misturam factores referenciais de todo o tipo: religiosos, políticos, populares, históricos, etc.

Portanto a arquitectura é a arte de desenhar e construir edifícios, em que prevalecem os elementos materiais e técnicos e os valores funcionais como características diferenciadoras, e que possuem uma linguagem formal abstracta susceptível de ser interpretada e com leituras divergentes.

Evidentemente, nem todas as arquitecturas são iguais, basicamente porque nem todas pretendem responder aos mesmos objectivos. De uma forma muito simplificada distingue-se entre a arquitectura histórica ou estilística, arquitectura popular ou tradicional e arquitectura comum ou vulgar.

Definir a arquitectura popular é extremamente difícil. Podemos estabelecer uma distinção entre a arquitectura vernácula, que chamaremos popular, e a arquitectura primitiva. As diferenças básicas entre ambas derivam, por uma parte, do diferente grau de complexidade técnica, e por outra, da existência ou não de alusões à arquitectura histórica ou estilística.

A arquitectura primitiva engloba as "...formas mais simples, morfologicamente elementares e cronologicamente primárias da construção... que aproveitam fundamentalmente os materiais locais tais como eles se encontram na natureza, ou quanto muito, com qualquer ligeiro afeiçoamento, segundo sistemas ou processos mais ou menos elaborados, mas de tipo arcaico e alheios a conceitos

propriamente tecnicistas.”<sup>1</sup>. Normalmente as produções desta arquitectura correspondem ao conceito corrente de abrigos<sup>2</sup>.

Por sua vez a arquitectura popular ao se tratar de uma arquitectura pré-industrial, tanto nas técnicas como nas ferramentas e materiais, as soluções surgem de dentro para fora, dando predomínio às razões funcionais;

Como características da arquitectura popular<sup>3</sup> podemos assinalar:

- O protagonismo dos materiais e das técnicas construtivas próprias, evocando sempre a tradição histórica e cultural da zona. A presença de um problema complexo resolve-se mediante a solução encadeada numa série de problemas simples;
- A participação directa do usuário no projecto e na realização, estabelece entre ambos (obra-usuário) uma certa ‘relação afectiva’ de incidência positiva no resultado final;
- A utilização de um repertório formal de uma grande simplicidade, com algumas referências pontuais às linguagens cultas. Tem-se em conta a projecção exterior da habitação: portais, telheiros, terraços, galerias, bancos, poços, paredes, etc.

A arquitectura popular, assim como a denominada estilística, pode existir no habitat rural e no urbano, apesar da arquitectura popular ser determinada por um carácter rural. Podemos encontrar neste meio algumas das suas raízes mais profundas, mas até épocas muito recentes, o carácter predominante, incluso na cidade, era o rural. A cidade, como meio absoluto é totalmente urbano, supõe, em termos gerais, uma criação exclusiva dos nossos tempos.

Podemos concluir que a arquitectura popular, funciona como um reflexo da sociedade, onde “...ler e interpretar a arquitectura vernácula, é ler e interpretar o território e a comunidade. Entender estes propósitos, é entender o seu carácter espontâneo e

1. OLIVEIRA, Ernesto Veja de / GALHANO, Fernando / PEREIRA, Benjamin: *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 3ª edição, 1994, p.7.

2. Distinguimos os abrigos e construções primitivas como: as construções sumárias de habitações temporárias ou mesmo ocasional, em certos casos móveis, não se podendo falar de sistemas ou estilos com características regionais e as segundas são edificações fixas para habitação ou utilização permanente ou normal, obedecendo a sistemas de construção bem definidos com nítida diferenciação tipológica ou regional.

3. Carlos Flores, elaborou um conjunto de princípios (28), que se verificam nesta arquitectura.

*indígena, primitivo, anónimo e rural, desprovido de pretensões de ordem teórica.*

Em suma, esta arquitectura simboliza uma relação trilógica de nível conceptual, composta de três pólos de referência, o Homem, o Sítio e os Materiais...<sup>4</sup>

Em Portugal, a problemática da arquitectura popular, surge depois da segunda guerra mundial<sup>5</sup>, mas é em 1949 que se pensa pela primeira vez na urgente necessidade de um inquérito à arquitectura Regional Portuguesa, mas só seis anos depois é que surgem as verbas para o início dos trabalhos.

É nesta época, que um conjunto de factores favorecem esta arquitectura, a referir:

- Partem os primeiros emigrantes para França e posteriormente para a Alemanha;
- Ganha força o processo de industrialização gerado pela exploração de mão-de-obra barata;
- O turismo europeu começa a descobrir os encantos virgens do Algarve.

Todos estes factores, são favorecidos pela situação de atraso e de pobreza em que o país se encontrava. Repentinamente os rendimentos de uma parte da população portuguesa aumentam, dando-lhe a possibilidade (ou ilusão) de afastar o peso da miséria ancestral. A partir daí, o euforismo da mudança e do progresso, numa lógica individualista e desordenada, varre o território português com o objectivo de apagar as marcas de um passado. Hoje apenas subsistem elementos avulsos que sobreviveram fisicamente à derrocada do mundo que os produziu.

Atentos a esta evolução, em 1959 é publicado o artigo *Arquitectura*<sup>6</sup>, que poderá ser considerado como o primeiro artigo estruturado sobre a arquitectura popular portuguesa, mas é com os levantamentos realizados por equipas de jovens arquitectos, nos finais dos anos cinquenta<sup>7</sup> e posterior publicação em 1961 da obra *Arquitectura Popular em Portugal*<sup>8</sup>, que se dá o primeiro passo para a descoberta da arquitectura de caris popular.

4. DIOGO, Manuel: “A arquitectura popular, valor e tradição”, em Comunicação apresentada no Congresso Internacional de Arquitectura Popular. Porto: Universidade Lusíada, 1998, p.18.

5. É desta época os primeiros estudos e publicações, nomeadamente de Jorge Dias (antropologia cultural), J. Leite de Vasconcelos (etnografia) e Orlando Ribeiro (geografia regional).

6. Ernesto Veja de Oliveira e Fernando Galhano – *Arquitectura* artigo publicado na *Arte Popular em Portugal*, 1º volume, 1959, Lisboa

7. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, decorreu de 1955 a 1960.

8. AA.VV: *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: ed. Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

Posteriormente, surgiram outras obras, tais como em 1969, *Construções Primitivas em Portugal*<sup>9</sup>, assim como a *Arquitectura Tradicional Portuguesa*<sup>10</sup> publicada em 1992, como resultado de uma diversidade de textos dispersos por várias revistas.

Nos últimos tempos surgiram novas publicações, obras documentando o nosso património arquitectónico<sup>11</sup>, assim como o interesse académico para este tipo de arquitectura, nomeadamente através da realização de Teses de Mestrado<sup>12</sup>, assim como de Reuniões e Congressos<sup>13</sup> temáticos.

9. OLIVEIRA, Ernesto Veja de / GALHANO, Fernando / PEREIRA, Benjamin: *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia / Instituto de Alta Cultura, 1ª edição, 1969

10. OLIVEIRA, Ernesto Veja de / GALHANO: *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

11. Resumo das últimas publicações:

PINHEIRO, Nuno Santos: Uma reflexão sobre arquitectura em terra crua. Lisboa: ed. do Autor, 1991. PINHEIRO, Nuno Santos: A arquitectura regional e as técnicas tradicionais da construção em terra ao Sul do Tejo, Lisboa: ed. do Autor, 1991. PINTO, Fernando Rocha: “Arquitectura tradicional de terra no Alentejo”, em *Arquitecturas de terra - Trunfos e potencialidades, Materiais e tecnologia, Lógica do restauro, Actualidade e futuro*, Conimbriga: ed. Comissão de Coordenação da Região Centro - Alliance Française de Coimbra - Museu Monográfico de Conimbriga, 1992, pp.35-38. PINHEIRO, Nuno Santos: Terra - Material milenário de construção, Lisboa: ed. do Autor, 1993. BASTOS, Cristina: Os Montes do Nordeste Algarvio, col. Portugal e o Mundo Português. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. PINHEIRO, Nuno Santos: Tectos de salão na ilha de Porto Santo, em *Actas del Segundo Congreso Nacional de Historia de la Construcción*. Madrid: Instituto Juan de Herrera / CEHOPU / CECEX, 1998. TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa / BELÉM, Margarida da Cunha: Diálogos de edificação - estudo de técnicas tradicionais de construção, Porto: CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998. MESTRE, Victor: *Arquitectura Popular da Madeira*. Lisboa: Argumentum, 2002

12. Resumo das Teses de Mestrado realizadas:

SILVA, Júlio Andrade dos Santos: *A arquitectura popular alentejana: Cal e Mármore - símbolos da cultura alentejana*, Tese de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa. Lisboa: Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1993.

MOTTA, Maria Manuel Banza Ramos: *Construções rurais em alvenaria de terra crua no Baixo Alentejo*, Tese de Mestrado em Construção. Lisboa: Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

CORREIA, João Alberto: *Montes e povoados no Sudeste Alentejano: Monsaraz*, Tese de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos. Lisboa: Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, 1998.

13. Na década de noventa podemos destacar a 7ª Conferência sobre o Estudo e Conservação da Arquitectura de Terra - TERRA93, organizado pela DGMN (Silves), assim como em 1998 o Congresso de Arquitectura Popular, organizado pela Universidade Lusíada (Porto). Já no novo milénio, em 2004, realizou-se o Encontro sobre a Arquitectura de Terra (Lisboa).



Em relação à região do Algarve, muito pouco foi publicado, a *Arquitectura Popular em Portugal dedica-lhe* uma zona (6), um capítulo bastante completo. Posteriormente é de referir o papel de Eduardo Horta Correia<sup>14</sup>, que nas últimas décadas tem lutado em prol da preservação do património arquitectónico algarvio.

No domínio da investigação, é de referir, nos anos 90, a criação da licenciatura em Património Cultural na Universidade do Algarve, assim como é a minha tese de mestrado que se refere às Arquitecturas de Terra<sup>15</sup>, dando especial atenção à região do Algarve.

O Algarve é a região mais meridional de Portugal, situada na área que Orlando Ribeiro refere como Portugal Mediterrâneo, sendo também o único ‘anfiteatro’ voltado para sul. A maior parte dos concelhos do Algarve são banhados pelo Oceano ou então os seus vales e caminhos conduzem para a terra baixa que funciona como ponto de atracção da população.

O Algarve é um retalho do território português que não se confunde com a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contígua, nem se assemelha à nesga do continente africano fronteiro. É uma região bem definida, um compartimento com feições características. O mar, a planície, a montanha, o céu sempre azul, o ar sempre transparente e limpo criaram este quadro geográfico, de uma beleza própria, sem analogias. Esta região tem uma

14. CORREIA, José Horta: “A Arquitectura do Algarve como Expressão privilegiada da sua Especificidade Cultural”, em AA.VV. O Algarve - Na perspectiva da Antropologia Ecológica. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989. Este artigo é bem esclarecedor do estado da arquitectura popular no Algarve.

15. QUITÉRIO, Paulo Casimiro Azinheira: Arquitecturas de Terra, Tese de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos. Lisboa: Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, 2001.

identidade própria, fruto dos factores geográficos e históricos, que definem a sua particularidade.

Em termos geográficos, o conjunto das serras de Monchique (Foia, 902 metros, e Picota, 774 metros) e do Caldeirão (578 metros) que normalmente é denominada por Serra<sup>16</sup>, forma uma imponente barreira natural que o separa dos peneplanos do Alentejo e o defende dos ventos dos quadrantes Norte e Noroeste. É cortado pelos rios Guadiana (que o separa da Andaluzia) Vascão, Arade, Asseca, e outros, que não passam de braços de mar, caso do sapal de Castro-Marim, Ria Formosa e Ria de Alvor, etc. Todo voltado ao Sul o Algarve recebe directamente a influência próxima do mar Mediterrâneo e do Norte de África.

Segundo o conceito de alguns autores<sup>17</sup>, o Algarve divide-se em três faixas: a Serra, o Barrocal e a Beira-Mar. Para Silva Lopes o Barrocal é «uma faixa de duas a três léguas de pedra calcária, alguma siliciosa, e terra forte, negra e barrenta, com elevação para a serra», por este motivo os autores geográficos contemporâneos, substituíram a designação de Barrocal pela de Algarve Calcário.

Por sua vez Medeiros Gouveia (1938), sintetiza, afirmando que o Algarve é uma região complexa, constituída por 3 sub-regiões tão características que, se não fora uma pulverização excessiva do território; se poderiam considerar como pequenas regiões autónomas: o Alto Algarve, o Algarve Calcário e o Baixo Algarve.

Em termos arquitectónicos, nas últimas décadas a região do Algarve assistiu a um progressivo abandono dos hábitos tradicionais no meio rural. Os novos materiais (betão armado) e a nova economia (turismo) incidiram directamente no desaparecimento da arquitectura popular. Estas novidades geraram novos espaços e novas condições de habitabilidade, distintas dos antepassados. Povoações inteiras mudaram devido à substituição destas ancestrais formas de ocupação. Gerou-se a necessidade de adaptar a habitação aos novos usos, como tal torna-se imprescindível a promoção do futuro desta arquitectura.

A zona em estudo (Algarve) por sua vez subdivide-se em Litoral, Barrocal e Serra. A cada sub-região corresponde uma forma de gerir o espaço, sempre adaptado ao tipo de exploração agrícola.

16. A Serra do Algarve corre quase todo o Algarve (do qual recebe o nome), fazendo a divisão do Alentejo. Principia próximo de Castro Marim e acaba no Oceano, junto a Aljezur.

17. Desde Silva Lopes (1841) até Lautensach (1932-1937).

A casa popular é um dos aspectos mais significativos e relevantes da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionaisismos fundamentais – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais – das respectivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam.

Por sua vez, o homem sempre utilizou os materiais que tinha à mão para elaborar o seu abrigo, traduzindo-se a sua diferenciação regional, relacionada com a utilização dos materiais locais – origem dos sistemas tradicionais – neste caso socorreu-se da terra e da pedra (calcária ou xistosa).

Em termos construtivos o Algarve beneficia de algumas particularidades, é aqui que predomina a construção em terra, principalmente em taipa. Mas esta afirmação não é totalmente verdadeira, uma vez que o Algarve utiliza parcialmente a terra, existindo algumas zonas onde predomina o xisto e o calcário. A pedra calcária é utilizada na zona denominada por Barrocal (entre o Litoral e a Serra), enquanto que o xisto é utilizado na Serra, predominando a alvenaria de pedra solta.

Por sua vez a terra é utilizada em todas as zonas. É muito frequente encontramos em plena Serra, onde predomina o xisto, construções completas ou parciais em taipa e o seu interior em adobe.

No Alto Algarve (Serra) com os primeiros contrafortes da Serra Algarvia cessa geralmente o uso da taipa: muros, paredes, fornos, cabanas redondas usadas como arrecadação ou curral, empregam a pedra solta, muita vez sem reboco ou caição.

Para esta utilização contribuem principalmente dois factores: a abundância do material e a influência de um núcleo arcaico de construções de pedra, representado por um dos seus elementos primitivos e mais gerais no Mediterrâneo – a casa redonda<sup>18</sup>. Rara no Sul de Portugal, conserva-se aqui, certamente como resíduo de uma área mais extensa, segregada no ambiente serrano. Limitado por condições naturais e pela tradição, esta zona não utiliza a terra como material de construção, mas em alguns casos, pontualmente, encontramos construções em xisto que utilizam algumas paredes internas em adobe. O mesmo acontece no Maciço eruptivo de Monchique, onde é utilizado um tipo de granito – foidite - para a construção.

18. Ver: OLIVEIRA, Ernesto Veja de / GALHANO, Fernando / PEREIRA, Benjamin: *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 3ª edição, 1994. Esta obra retrata as construções primitivas em Portugal, dando especial relevo às construções de forma redonda que existem na Serra do Caldeirão/Tavira.

No Algarve Calcário, continua a predominar a construção em pedra, neste caso em calcário, é nesta zona que se encontram as habitações mais características do Algarve, em termos formais. Sob o cuidado reboco das casas escrupulosamente branqueadas, apenas as molduras de pedra das portas e das janelas indicam o emprego do calcário no resto da construção. De um modo geral, a pedra usa-se como material de preferência em todos os lugares onde abunda, consoante os afloramentos que a fornecem: neste caso o calcário predomina.

No Baixo Algarve predomina uma mistura de materiais, dependendo da disponibilidade dos materiais do local. Nesta Zona encontramos muitos vestígios da utilização da terra, aqui a taipa concorre com a pedra.

De uma forma geral, arquitectura de terra existe em abundância na zona meridional do Algarve, sendo a divisão definida pela linha que passa por Boliqueime, Paderne, Alte, até à serra do Mú ou do Malhão, neste ponto faz a ligação com o Alentejo. Concluindo, toda a faixa litoral do Alentejo e do Algarve beneficia da arquitectura de terra. Este tipo de construção prolonga-se pelo Algarve, sendo disso exemplo a vila de Aljezur, ou de Marmeleite, que apesar de ser um lugar isolado, devidos à sua localização nos contrafortes da Serra de Monchique mantém a mesma tipologia, podendo em alguns casos apresentar só uma água<sup>19</sup>, adaptando a inclinação do seu enorme telhado, ao declive do terreno. Quando o terreno é mais plano, então predominam as duas águas.

Em termos de acabamentos, outra particularidade que podemos observar é no litoral predomina o reboco caiado de branco, na zona da serra, a cal somente é utilizada nas zonas mais importantes da habitação, predominando as cores naturais das pedras usadas. Outro pormenor importante e muito característico do barrocal é a platibanda (ricamente decorada), assim como a existência de uma chaminé.

Apesar do Algarve se manter fechado em relação a Portugal, devido aos factores geográficos referidos anteriormente, mantendo-se por sua vez em profundo contacto com toda a zona mediterrânea que serviu de veículo para a civilização, ao unir a Europa, à Ásia e África, e que actualmente está separado entre

19. Orlando Ribeiro atribui esta tipologia construtiva - habitação de forma rectangular, com uma água - ao povo berbere, afirmando que foram provavelmente montanhese do Rifé, vindos com as invasões muçulmanas, que, encontrando aqui um ambiente semelhante ao dos seus lugares de origem, difundiram um tipo de casa que lhes era familiar.



o Catolicismo, o Cristianismo ortodoxo e o Islão, religiões e ideias debaixo das quais se reconhecem formas de vida em larga parte comuns.

É por este motivo que a cidade de Mazagão, praça do Norte de África lembra muito mais o Sul de Portugal que o Norte. Os locais da Andaluzia frequentemente evocam contactos com o Magrebe, em termos arquitectónicos ou de vivências, assim como a zona antiga de Olhão<sup>20</sup>, arquitectura popular em contexto urbano, semelhante a uma Medina muçulmana.

Foi este intercâmbio de vivências entre mouros, cristãos e judeus que floresceu esta identidade. É frequente encontrarmos ainda no Sul as designações de Judiaria e de Mouraria, vestígios de antigos bairros próprios, de uma vida de intimidade.

Esta evolução implicou a definição de várias tipologias de habitação: a casa dispersa (no litoral), a casa junto das vias de comunicação (no barrocal) e a casas concentradas, vulgo “montes” (na serra). Além da habitação, sempre existiram elementos

associados, que funcionam como extensões da vida quotidiana, por exemplo: muros, pocilgas, palheiros, galinheiros, poços, cruzeiros, entre muitos outros.

O actual concelho de Albufeira, beneficia de um vasto conjunto de construções que nos podem sintetizar a arquitectura de terra no Algarve.

Em tempos a zona de Albufeira foi visitada por Fenícios e Gregos. Da época romana deriva o seu nome, ‘Baltum’ que se transforma em para Al-Buhera...” e depois em Albufeira.

Da observação realizada no concelho de Albufeira, identificamos um conjunto de tipologias formais que utilizam a terra como material de construção. Antes de especificar estes tipos devo estabelecer algumas generalidades:

- Em termos de materiais, de uma forma geral, os pavimentos das habitações são ladrilhados, apesar de existirem algumas habitações mais pobres que tinham o seu pavimento apenas em terra batida;
- A cobertura na zona em estudo é sempre em telha, apesar de como sabemos existirem noutros locais do Algarve, principalmente no Algarve Calcário e na zona de Olhão ou Fuzeta, onde a cobertura é plana, em açoteia;

20. Ver: ALEGRIA, José Alberto: “Arquitectura tradicional: Marrocos e Algarve - formas e ambientes” em *Anais do Município de Faro*, Faro: ed. Câmara Municipal de Faro, 1986, pp.241-268. Este artigo faz a comparação entre a arquitectura tradicional de Marrocos e do Algarve.

— O telhado na maioria das vezes é de duas águas, com um revestimento interno de caniço ou de madeira;

A primeira tipologia que encontramos, e que proliferou por todo o concelho, é a habitação de um piso, com planta rectangular, apresentando normalmente duas águas.

Quando a construção tem apenas uma água, a habitação tem a zona dos animais colocados ao lado. No caso de ser em duas águas, a zona dos animais é colocada na parte posterior da habitação. Esta tipologia é semelhante à que já referimos anteriormente e que existia na zona da Serra. A chaminé não tem muita importância nesta tipologia. Em muitos casos observamos também os elementos da arquitectura alentejana, principalmente os gigantes. De uma maneira geral esta tipologia tem caiação em todas as faces. Apesar de existirem alguns exemplares que mantêm a taipa em estado natural, portanto sem caiação, ou então apenas aplicam a cal nas fachadas a sul e a oeste, ou em torno dos vãos, desta variante existem alguns exemplares na zona do Vale da Ribeira de Espiche.

Normalmente esta tipologia também chamada de ‘monte’ caracteriza-se pela articulação de vários elementos que se fundem num conjunto unitário, constituindo, com a paisagem envolvente, um universo arquitectónico, económica e ecologicamente coerente. A maioria dos nossos «montes» oferecem uma idêntica tipologia desde, pelo menos, o século XVI. Esta tipologia estava associada a uma agricultura de sequeiro, onde predominavam a amendoeira e a alfarrobeira.

Nos locais onde existia alguma água, onde se tornava possível a agricultura de regadio, a tipologia é ligeiramente diferente. Nas proximidades existem sempre dispositivos de recolha e armazenamento de água, principalmente noras ou poços e tanques. No Barranco, próximo do Vale da Parra, existe uma tipologia interessante, uma vez que estas habitações desenvolvem-se em dois pisos, com escada interior. O pavimento do segundo piso é realizado em tabuado, no exterior não é utilizada a caiação. Esta tipologia tem a sua génese na adaptação da construção ao terreno que é bastante inclinado.

Por fim, temos a tipologia mais típica do Algarve que utiliza a terra, principalmente a taipa, uma vez que em todas as tipologias que falamos anteriormente, em termos de materiais, utilizam a taipa para as paredes exteriores e para a parede de cumeeada e as restantes são em adobe, nesta tipologia é semelhante. A grande diferença não está na forma, uma

vez que é semelhante à primeira tipologia que abordamos, mas sim na maneira como a habitação está tratada. A tipologia, denominada 125, está intimamente ligada às grandes vias de comunicação. Ela extravasa os limites do concelho, existindo durante a Estrada Nacional 125, desde Porches até Boliquiteime, assim como na estrada que liga Algoz a Albufeira, passando por Ferreiras. Nota-se uma evolução económica em relação as tipologias anteriores, aqui já existe disponibilidade para decorar a habitação, utilizar outras formas, principalmente a platibanda e uma chaminé muito elaborada, os elementos mais representativos da arquitectura algarvia, quer rural, quer urbana: chaminé e platibanda. Em virtude de se encontrar junto das vias de comunicação, houve também alguma facilidade em utilizar cantarias de calcário para o guarnecimento dos vãos, enquanto as outras tipologias apenas utilizavam elementos de madeira.

Com estas tipologias tentamos caracterizar as formas de construir com terra no Algarve. Nesta pequena área (concelho de Albufeira), podemos encontrar uma síntese bem elucidativa da diversidade construtiva, no entanto a terra é utilizada em mais locais.

Os testemunhos que observamos neste trabalho, são a prova de que o Algarve beneficia de uma identidade própria na construção popular.

O ‘saber’ português da construção, acabou por percorrer grande parte do planeta, em virtude da expansão portuguesa. Não é por acaso que no Brasil, onde a construção de terra foi introduzida pelos portugueses, é hoje um vasto repositório das formas de construir por cá então utilizadas. Em Goa, a técnica construtiva da taipa tem o nome de *taip*, ou em Ceilão, o actual Sri-Lanka, parte da terminologia da construção de terra tem raiz portuguesa, por exemplo, taipa chama-se ‘tappa’ e fundações diz-se ‘Kabok’.

Se todo este saber foi exportado, porque motivo não o soubemos manter?

Nos últimos 30 anos tem-se assistido a uma sistemática destruição dos seus mais interessantes testemunhos. Não foi apenas o grande surto turístico o único responsável pela situação. A destruição do património arquitectónico algarvio tem raízes mais fundas que se inscrevem na industrialização dos processos construtivos, deixou-se de construir em alvenaria de pedra, taipa ou adobe para se construir com em tijolo industrial, por exemplo.

Por este motivo é urgente que os algarvios se debrucem sobre aquilo que os diferencia, marca, assinala e identifica, tomando consciência dessa



identidade e procurando investigar os valores que a determinam e manifestam.

Do estudo da Arquitectura popular, podem e devem extrair-se lições de coerência, de seriedade, de economia, de engenho, de funcionamento, de beleza... que em muito podem contribuir para a formação dum arquitecto dos nossos dias.

Toda esta arquitectura vernácula está ameaçada devido à adulteração de espaços e utilização de materiais inadequados, por este motivo é de extrema importância a promoção desta arquitectura, aproximando os cidadãos do património cultural e das suas técnicas, tendo como referência o desenvolvimento integrado e sustentável, que actualmente está a surgir.